

DIRETORIA DA SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE

Presidente

Dr. Sérgio Lewkowicz

Diretora Administrativa

Dra. Alda Regina Dorneles de Oliveira

Diretora Científica

Dra. Anette Blaya Luz

Diretora Financeira

Psic. Eleonora Abbud Spinelli

Diretor do Instituto

Dr. Ruggero Levy

Diretor de Publicações

Dr. José Carlos Calich

Diretora de Divulgação e Relação com a Comunidade

Psic. Luciane Falcão

Diretora da Área da Infância e Adolescência

Dra. Maria Lucrecia S. Zavaschi

DIRETORIA DE PUBLICAÇÕES

Dr. José Carlos Calich – Diretor

Dra. Carmem Emilia Keidann

Dr. César Luis de Souza Brito

Psic. Heloisa Cunha Tonetto

Dr. Rui de Mesquita Annes

Dr. Zelig Libermann

1,05



G881f Grotstein, James S.

Um facho de intensa escuridão : o legado de Wilfred Bion à psicanálise / James S. Grotstein ; tradução: Maria Cristina Monteiro.

– Porto Alegre : Artmed, 2010.

368 p. ; 23 cm.

ISBN 978-85-363-2188-2

1. Psicanálise. 2. Bion, Wilfred. I. Título.

CDU 159.964.2

Catálogo na publicação: Renata de Souza Borges CRB-10/1922

Um facho de intensa escuridão

O legado de Wilfred Bion
à psicanálise

James S. Grotstein

Professor de Psiquiatria na David Geffen School of Medicine, UCLA.

Analista didata e supervisor no New Center for Psychoanalysis e no Psychoanalytic Center of California, Los Angeles.

Tradução:

Maria Cristina Monteiro

Consultoria, supervisão e revisão técnica desta edição:

Patrícia Fabrício Lago

Psiquiatra pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Membro da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.



2010

23

A grade

Bion referiu-se pela primeira vez a seu conceito da Grade em *Elements of Psycho-Analysis (Elementos da Psicanálise)* (1963); ele continuou a desenvolver suas ideias em trabalhos posteriores, *Transformations (Transformações)* (1965), *Two Papers: The Grid and Caesura (Dois Ensaios: A Grade e Cesura)* (1977) e *Taming Wild Thoughts (Domesticando Pensamentos Selvagens)* (1997). A Grade representa aquele aspecto da função α que medeia elementos que estão sujeitos ao princípio da realidade e ao que Freud (1911b) se referia como “processo secundário”. A Grade é um dispositivo matemático consistindo de um plano coberto por linhas cruzadas, que cria a imagem de caixas ou quadrados (continentes), ou de um gradil (Bion, 1997, p. 4) que se estende tanto vertical como horizontalmente. Eles podem ser considerados “caixas de pensamentos” para armazenar categorias de pensamentos e emoções. Cada passo no processo transformacional vai de uma caixa para outra em um movimento diagonal descendente e é confinado por um eixo vertical e um horizontal. O eixo vertical (o eixo genético) da Grade designa a progressiva sofisticação transformativa de *pensamentos* em desenvolvimento ou evolução à medida que ele se move no sentido descendente, enquanto o eixo horizontal designa o ato de *pensar* os pensamentos – ou seja, o uso para o qual os pensamentos estão sendo tomados. Ela representa a atividade da mente no que Freud denominou de processo secundário. Colocado de outra forma, a Grade é o *continente* para pensamentos transformados, o *conteúdo*.

Bion considera a Grade adequada para pensamentos e emoções que alcançaram a consciência ou que estavam em um estado de “consciência emergente” (o pré-consciente). Embora ele não considerasse formalmente que o aspecto da função α que medeia o elemento- β inconsciente constitui uma Grade em si, eu considero, uma vez que a função α age como um *gradil* para classificar elementos- β crus (Bion, 1997, p. 4). Uma Grade é qualquer dispositivo seletivo que recebe estímulo indiscriminado, o separa em seus componentes (triagem) e o classifica, prioriza, reorganiza e reconfigura para uso adicional. As fileiras consistem de: **A:** elementos- β ; **B:** elementos- α ; **C:** Pensamentos Oníricos, Sonhos, Mitos; **D:** Preconcepção; **E:** Concepção, **F:** Conceito; **G:** Sistema Dedutivo Científico; e **H:** Cálculo Algébrico. As colunas

são intituladas: **1** Hipótese Definitória; **2** ψ (mentira ou falsificação); **3** Notação; **4** Atenção; **5** Indagação; **6** Ação; e ...**n**.

Cada um dos itens listados na coluna da esquerda (A, B, C, etc.) pode ser pensado como o “*software*” e/ou conteúdo da Grade, enquanto os itens listados nos títulos das colunas (1, 2, 3, etc.) podem ser pensados como o continente ou “*hardware*”. Bion concebe a coluna da esquerda como a coluna genética, uma vez que ela responde pela gênese (ontogenia, desenvolvimento, amadurecimento, sofisticação – na direção de concreto para abstração) do pensamento, enquanto os títulos da coluna designam os usos aos quais a mente dá a esses pensamentos – ou seja, como a mente os pensa ou pensa sobre eles, e então age sob a influência deles.

À medida que a pessoa progride no eixo de pensamentos, ela move-se do *concreto* para o *abstrato*. Ideias ou pensamentos tornam-se mais aplicáveis à manipulação de pensamentos complexos à medida que se tornam progressivamente mais abstratos – ou seja, à medida que eles se tornam livres da penumbra de associações que caracterizam sua forma mais concreta. Em outras palavras, eles se tornam mais semelhantes a números neutros que se prestam a pensamento de ordem superior e a metapensamento. Bion originalmente criou a Grade a fim de encontrar uma categorização científica da vida mental que ajudasse os analistas de diferentes escolas analíticas a serem capazes de chegar a algum tipo de acordo. Ele foi motivado pelas lutas entre os kleinianos e os freudianos no Instituto Britânico (Bion, “Lecture on the Grid” na Sociedade Psicanalítica de Los Angeles em 1975, a qual assisti).

Frequentemente, em suas discussões do uso da Grade, Bion sugere que ela não deve ser usada pelo analista durante a sessão analítica, mas apenas posteriormente, para obter uma avaliação clínica objetiva sobre o que pode ter acontecido durante uma sessão. Eu tenho uma visão diferente. Ao assentar as bases para a Grade, Bion apropriou-se pesadamente da teoria de Freud (1911b) dos dois princípios do funcionamento mental, os processos primário e secundário. Eis aqui a razão por que sinto que a sugestão de Bion pode ser um pouco enganadora: as categorias no eixo horizontal constituem elaborações de Bion da noção de Freud das categorias de processo secundário (pensamento). A elaboração em Freud era a Coluna 2, a coluna ψ (*psi*), representando *falsidade*¹ por um lado, que acredito que represente *negação* por outro. A negação é necessária, apesar de tudo, para transformar pensamento de processo primário em pensamento de processo secundário (Aristotélico).

As categorias verticais constituem processo secundário (pensamentos para serem pensados). Consequentemente, a Grade constitui tentativas de abstração, um *modelo para o pensar*. Portanto, o que a Grade na verdade representa é o que os analistas natural e habitualmente fazem a maior parte do tempo durante a análise enquanto eles ponderam e refletem sobre o que observam e ouvem do analisando – ou seja, ela constitui pensamento reflexivo normal. Bion certamente deve ter tido consciência de que os processos

A GRADE

	Hipóteses Definitórias 1	Ψ 2	Notação 3	Atenção 4	Indagação 5	Ação 6	...n
A Elementos- β	A1	A2				A6	
B Elementos- α	B1	B2	B3	B4	B5	B6	...Bn
C Pensamentos Oníricos, Sonhos, Mitos	C1	C2	C3	C4	C5	C6	...Cn
D Preconcepção	D1	D2	D3	D4	D5	D6	...Dn
E Concepção	E1	E2	E3	E4	E5	E6	...En
F Conceito	F1	F2	F3	F4	F5	F6	...Fn
G Sistema Dedutivo Científico		G2					
H Cálculo Algebrico							

primário e secundário que ele uniu sob o conceito de “função α ” constituem o equipamento pré-consciente do analista a ser empregado durante a sessão. Mais precisamente, a Grade é simplesmente uma forma de categorizar, de esquematizar (analisar), pensamento de processo secundário – ou seja, o que nós fazemos a maior parte do tempo *durante* a sessão analítica sem conhecimento consciente de que estamos fazendo – em outras palavras, automaticamente. Este pensamento de processo secundário pré-consciente/consciente que temos refere-se aos pensamentos-emoções-sentimentos que estão sendo automaticamente transformados, enquanto estamos pensando sobre eles. Além disso, a parte observadora do analisando também emprega pré-conscientemente a Grade enquanto ele associa livremente.

A Grade representa aquele aspecto da função α que medeia elementos que estão sujeitos ao princípio da realidade e ao que Freud (1911b) se referia como “processo secundário”, mas que Bion, diferindo um pouco de Freud, atribui ao funcionamento dual colaborativo dos princípios de realidade e prazer operando como uma estrutura binária-oposicional, agora sob a hegemonia do princípio da realidade (enquanto, no inconsciente, esta estrutura binária-oposicional, como nos sonhos e nas fantasias, se enquadraria na hegemonia do princípio do prazer). Apesar de toda a mística que o próprio Bion parece ter atribuído à Grade, minha própria visão dela é que ela é simplesmente um modelo matematicamente esquematizado para pensamento raciocinativo, reflexivo normal – *algo que os analistas rotineiramente fazem após terem sido afetados por suas próprias respostas emocionais privadas a seus analisandos.*

A Grade, conforme acabei de declarar, é um modelo matemático, uma abstração, consistindo, neste caso, de um plano coberto por linhas cruzadas, criando a imagem de caixas ou quadrados (continentes) que se estendem vertical e horizontalmente. Elas podem ser consideradas “caixas de pensamentos” ou gradis² (Bion, 1997, p. 4), conforme mencionado acima. Cada passo no processo transformativo move-se de uma caixa para outra. A Grade constitui uma *matriz* funcional que facilita a *matriculação* de pensamentos crus (hipóteses definitórias, “pensamentos selvagens”, “pensamentos sem um pensador”) em pensamentos refinados (pensados). O eixo vertical (o eixo genético) da Grade, à medida que se move no sentido descendente, designa a sofisticação transformativa progressiva dos *pensamentos*, enquanto o eixo horizontal designa o ato de *pensar* os pensamentos. Ele representa a atividade da mente no que Freud denominou processo secundário. Ele também designa o uso que é dado aos pensamentos. Colocado de outra forma, a Grade é o continente para e gerador de pensamentos transformadores. Em *Elements of Psycho-Analysis* Bion declara:

Neste caso, a importância do mito está no fato de que ele representa um sentimento e, como tal, seu lugar em uma categoria da grade denota um *elemento* psicanalítico. Considerado com outros elementos psicana-

líticos semelhantes, ele e os outros elementos juntos formam o campo de elementos incoerentes no qual é esperado que o *fato selecionado*, que dá coerência e conexão ao até agora incoerente e desconexo, emerja. Assim “nomeado,” “vinculado,” o objeto psicanalítico surgiu. Resta reconhecer seu significado. Este mesmo mito verbalmente pode então ser um objeto psicanalítico que é fundamental para dar significado à totalidade de elementos, um dos quais era o sentimento representado pelo mito em sua categoria. A interpretação correta, portanto, dependerá da capacidade do analista, em virtude da grade, de observar que duas declarações verbalmente idênticas são psicanaliticamente diferentes. Para reiterar, uma declaração verbal que tem aspectos que se enquadram nas fileiras B, C e G representa um objeto psicanalítico. Uma declaração verbalmente idêntica que se enquadra em, digamos, D2 é um elemento psicanalítico. No exemplo, considerei que o mito, na categoria D2, representa um *sentimento* de presságio e é uma premonição de um tipo particular empregada para excluir alguma outra coisa. *(Incidentalmente a totalidade da discussão precedente pode ser tomada como um exemplo do uso da grade para um exercício que visa a desenvolver a intuição e a capacidade para discriminação clínica. [itálico acrescentado])* Para concluir: os elementos da psicanálise são ideias e sentimentos conforme representados por sua colocação em uma categoria única; objetos psicanalíticos são associações e interpretações com extensões no domínio dos sentidos, do mito e da paixão... requerendo três categorias para sua representação. [1963, p. 103-104]

A citação resume o conceito de Bion do uso da Grade na localização, formação, mitificação e ligação do objeto analítico (O) pelo uso do fato selecionado, após o que o objeto analítico, agora vinculado como uma conjunção constante, pode ser submetido à Grade para nova categorização. Enquanto isso, em referência à Grade, a capacidade do analista para intuição (processamento pelo hemisfério direito) e discriminação (processamento pelo hemisfério esquerdo) torna-se aguçada.

Bion também diferencia entre o elemento psicanalítico e o objeto psicanalítico. O primeiro ocupa apenas uma categoria, enquanto o objeto psicanalítico, apercebido por meio da trinca de sentidos, mito e paixão, deve ocupar as três categorias adequadas a cada membro da trinca.

REVELANDO O MISTÉRIO DA COLUNA 2 (Ψ)

Ao definir a Coluna 2, Bion declara:

A Coluna 2 é para categorizar o “uso” que é dado a uma declaração – de qualquer tipo que possa ser e por mais que inverídica no contexto – com a intenção de impedir uma declaração, por mais verídica no contexto, que

envolveria modificação na personalidade e em sua perspectiva. Usei arbitrariamente o sinal ψ para enfatizar a relação íntima deste “uso” com fenômenos conhecidos pelos analistas como expressões de “resistência”. [1997, p. 9; itálico acrescentado]

A Coluna 2 lembra a fileira C na medida em que ela requer expansão para uma “grade” exclusivamente sua.³ Minha ideia original era que ela supriria uma série de categorias para declarações falsas palpáveis, preferivelmente conhecidas como sendo falsas tanto pelo analisando como pelo analista... [p.10]

Eu me pergunto se Bion pode estar confundindo ou mesmo iludindo aqui. Conforme expressei em outra parte neste texto, a associação entre Coluna 2 e falsidade “palpável” tem mais a ver, na minha opinião, com o conceito Aristotélico da lei do terceiro excluído ou, colocado de outra forma, com decidir o que um objeto é e o que ele não é, negação. Devemos lembrar que Bion deve a origem da Grade ao conceito de Freud (1911b) dos dois princípios mentais, o processo primário e o processo secundário. A Grade é um modelo matemático do processo secundário. Um pensamento vindo da Coluna 1 (Hipótese Definitória) para a Coluna 2 torna-se categorizado pela última no que ele é e no que ele não é. Acredito que a categoria “o que ele não é” é o que Bion realmente quer dizer por “falsidade”. Contudo, em deferência à visão de Bion, posso imaginar a possibilidade de que a Coluna 2 possa ser a coluna da mentira da forma que ele sugere – quando o sujeito renuncia ao princípio da realidade! Então, a Coluna 2 se tornaria a Coluna da Mentira – desmentindo a realidade em favor do princípio do prazer.

Quando se acompanha cuidadosamente a jornada de Bion na exploração do sonhar por um lado, e da função α por outro, em certo momento unindo-os em um conceito, “trabalho onírico- α ” (*dream-work- α*), e então separando-os novamente, começa-se a perceber que a função α é o modelo abstrato, insaturado, que corresponde diretamente à realidade da atividade do sonhar – em carne e osso! Além disso, quando se reexamina cuidadosamente o mistério da Coluna 2, a Coluna ψ (*psi*) na Grade, uma categoria que Bion atribui a –K (falsificação), começa-se a experienciar o que foi para mim um fato selecionado – que a Coluna 2 paradoxalmente exerce duas funções opostas (oposição binária), à qual então acrescento uma terceira:

- a) A Coluna 2, para mim, constitui a *coluna do sonhar – ou seja, a coluna da função α* – que deve alterar (*quase falsificar*) esteticamente os elementos- β da Coluna 1 (Hipótese Definitória) para tornar os elementos- α adequados para subseqüente transporte mentalizável através do resto da Grade. Em outras palavras, enquanto as outras categorias horizontais da Grade envolvem primariamente a atividade do princípio da realidade – digo “primariamente” porque Bion, dife-

rentemente de Freud (1911b) uniu engenhosamente os processos primário e secundário em seu conceito da função α – a Coluna 2 envolve primariamente a atividade do princípio do prazer-desprazer – com combinações variadas do princípio da realidade – em um espectro. Em uma extremidade do espectro, observar-se-ia resistência, equilíbrio psíquico, e/ou reações terapêuticas negativas (todos sendo expressões variadas de $-K$), enquanto, na outra extremidade, derivativos do elemento- α normal, “sonhados com sucesso”, estão sendo enviados ao longo de seu caminho para novo refinamento (por meio de Notação, Atenção e Indagação) para tornarem-se pensamentos objetivos, abstratos. Colocado de outra forma, os elementos- β , derivados das impressões de O na fronteira emocional, devem tornar-se alterados (transformados, *ficcionalizados*) em algum grau a fim de escapar da repressão total. Assim, um aspecto do elemento- β torna-se alterado, protetoramente, enquanto a verdade emergente sobre a realidade que compõe o elemento- β permanece inalterada. Um paralelo a esta ideia seria um trabalho de arte ou de ficção, que habilmente altera a *apresentação* inicial da verdade sobre a realidade de modo que a verdade possa sobreviver e ser transmitida. Portanto, deste ponto de vista, a Coluna 2 revela a atividade do *princípio do prazer*.

- b) *Inversamente*, entretanto, lembramos que Bion tomou emprestado a partir do trabalho de Freud (1911b), as duas funções mentais (os processos primário e secundário), e o eixo horizontal da Grade de Bion corresponde ao conceito de Freud do *processo secundário*. O que diferencia principalmente o processo secundário do processo primário é a função de *negação*, que, acredito, Bion deve ter atribuído à Coluna 2. Portanto, de acordo com este raciocínio, a Coluna 2 funciona como a introdução do princípio da realidade para definir e refinar os “pensamentos selvagens” (Bion, 1997), que ele atribui à Coluna 1, “Hipótese Definitória”. Mais uma vez, tomo a liberdade de modificar a visão de Bion sugerindo que a Coluna 1 envolve apenas “pensamentos selvagens” e/ou elementos- β crus, e que é a Coluna 2 que transforma esses pensamentos selvagens em hipóteses definitórias *de-finindo-os* – submetendo-os a negação, que revela o que eles *não* são. Portanto, desta segunda perspectiva, a Coluna 2 representa a atividade do *princípio da realidade*.
- c) Gostaria também de acrescentar uma nova hipótese: que as operações da função α e a Grade são idênticas ou pelo menos se sobrepõem. Ambas categorizam, classificam, priorizam e selecionam conteúdo mental – ou seja, elementos- β , bem como pensamentos processados. Eu, portanto, prevejo o seguinte: no Capítulo 20 introduzi o modelo da fita de Möbius (continuidade descontínua), que ocupa e caracteriza uma configuração de número 8, cuja porção inferior mergulha no Sis-

tema *Ics.* e cuja porção superior circunscreve o Sistema *Cs.* Esta fita de Möbius funciona como o processo de sonhar – ou seja, função α , bem como uma Grade, barreira de contato e continente para o conteúdo.

RECONCILIAÇÃO: *a função da Coluna 2 representa a atividade de uma estrutura binária-oposicional que inicia a transformação-pelo-sonhar de pensamentos selvagens em pensamentos domesticados.*

Tanto a função α como a barreira de contato podem ser entendidas como fractais, se não continuações, da Grade. Em outras palavras, a Grade estende-se microscopicamente para sua função como função α e macroscopicamente para sua função como uma barreira de contato ou cesura. A função comum de todos esses níveis é a triagem, a separação, a desconstrução e a recombinação dos elementos separados em compostos de emoção-pensamento cuidadosamente transformados que são seletivamente transferidos ao longo da “esteira transportadora” mental para pensamento abstrato e sentimento progressivamente mais sofisticados.

Em uma recente contribuição singular, Bandera (2005) considerou a probabilidade de que a própria função α deva ser entendida como ocupando um gradiente ou espectro de estilos maternos variantes de continente/não continente, em vez de ser considerada como sendo presente ou ausente. Embora a função α seja um modelo para transformação, ela é um modelo que funciona em seres humanos que têm capacidades variáveis de empregá-la. Portanto, o conceito que a função α ocupa como gradiente é valioso. Uma Grade é qualquer dispositivo seletivo que recebe estímulo indiscriminado, reorganiza-o e separa-o em seus componentes e, conseqüentemente, acredito que a formulação de Bion da Grade é incompleta.

Bion interessou-se pela primeira vez em criar uma Grade durante e após a Segunda Guerra Mundial, quando Anna Freud e Melanie Klein e seus respectivos seguidores estavam engajados em suas Discussões Controversas na Sociedade Psicanalítica Britânica. Ele explicou que queria encontrar uma linguagem científica, preferivelmente baseada na matemática, que provesse um território comum a analistas de qualquer escola (comunicação pessoal, 1973). A princípio, a Grade tornou-se o manual do analista, por meio do qual ele pensava sobre uma sessão analítica *depois*, não durante a análise. Acredito que Bion deveria ter explicado, como sugiro acima, que a Grade pode ser usada da forma conscientemente intencional que ele afirma *após* a sessão analítica, mas que ela é inconscientemente (pré-conscientemente) empregada a maior parte do tempo pelo analista *durante* a sessão – porque ela é apenas uma forma matematizada de representar o *processo normal de pensamento reflexivo (processo secundário)*. Conseqüentemente, devemos generalizar a aplicação da função da Grade ao próprio pensamento normal para *todos* os indivíduos pensantes, que obviamente inclui o próprio analisando, à medida que ele reflete sobre suas experiências analíticas.

CONJUNÇÃO CONSTANTE

Bion frequentemente refere-se ao conceito de Humes da “conjunção constante”. Seu significado mais básico é o nome que damos a um fenômeno, pessoa ou agrupamento constante de acontecimentos a fim de associá-los mentalmente com uma designação. A conjunção constante tem muito em comum com outra ideia de Bion, o “fato selecionado”, que ele tomou emprestado de Poincaré. Este designa a organização ou o padrão que dá coerência a elementos ou fenômenos até então dispersos. Bion afirma que a conjunção constante é uma função da consciência no observador (1965, p. 73). Uma vez encontrados, L, H e K devem categorizar a conjunção constante, e um significado deve ser atribuído a ela. Bion declara: “Uma vez que o significado psicologicamente necessário tenha alcançado a razão, como escrava das paixões, transforma o significado psicologicamente necessário em significado logicamente necessário” (1965, p. 73). O que Bion declara em seguida é complexo e condensado demais, como é típico de muitos de seus escritos, mas gostaria de apresentar meu entendimento de sua declaração devido a sua consumada importância:

A inadequação da gratificação alucinatória para promover crescimento mental induz atividade visando a fornecer significado “verdadeiro”: considera-se que o significado atribuído à conjunção constante deve ter uma contraparte na realização da conjunção. Portanto, a atividade da razão como escrava das paixões é inadequada. Em termos do princípio de prazer/dor há um conflito entre princípio do prazer e princípio da realidade para obter controle da razão. A objeção a um universo sem sentido... deriva do medo de que a falta de significado seja um sinal de que o significado foi destruído e da ameaça que isto contém ao narcisismo essencial. Se qualquer determinado universo não puder produzir um significado para o indivíduo, seu narcisismo exige a existência de um deus, ou de algum objeto último... O significado, ou a falta dele, na análise, é uma função de amor-próprio, autoaversão e conhecimento. Se o amor narcísico não for satisfeito, o desenvolvimento de amor é perturbado e não pode estender-se para amor a objetos. [1965, p. 73]

Considero que isto signifique que a porção infantil da personalidade (“narcisismo essencial”) deve, primeiro, ter gratificação alucinatória por atribuição da constância da conjunção como parte de seus pré-requisitos narcísicos normais. Em outras palavras, a razão, que é a escrava das paixões, pode comprometer a porção narcísica dos direitos da personalidade ao compartilhar a significância pessoal da conjunção constante por sua própria subjetividade, antes de ela tornar-se materializada. Bion, ao contrário de Klein e de seus outros seguidores da época, parece estar validando o conceito de narcisismo normal mesmo antes de Kohut (1971). O que está particularmente

em questão é a noção de uma transformação narcísica (pessoal) da conjunção constante antes de uma transformação objetiva. Aparentemente, L e H constituem o veículo de atribuição emocionalmente significativa para o narcisismo essencial, enquanto K opera a serviço do conhecimento realístico. Bion coroa sua declaração anterior com o seguinte: “A psicanálise diz respeito ao amor como um aspecto do desenvolvimento mental, e o analista deve considerar a maturidade do amor e a ‘grandeza’ em relação à maturidade” (p. 74). A questão é que amor e grandeza originam-se do narcisismo essencial. Além disso, o “narcisismo necessário” do homem exige significado. Ele não pode tolerar a ausência de sentido. Na falta, ele invoca Deus.

A Grade como uma forma de transformação

Bion junta os conceitos precedentes com o seguinte:

O problema é simplificado por uma regra de que “uma coisa nunca pode ser a menos que ela seja e não seja.” Expressando a regra de outras formas: “uma coisa não pode existir sozinha na mente: nem uma coisa pode existir a menos que ao mesmo tempo haja uma não-coisa correspondente”. [1965, p. 102-103]

A progressão representada por $\leftarrow \nabla \rightarrow$ leva à possibilidade de que o espaço matemático pode representar emoção, ansiedade de intensidade psicótica – um repouso descrito mais psiquiatricamente como estupor. Em cada caso, a emoção deve ser parte da progressão, seio \rightarrow emoção (ou lugar onde o seio estava) \rightarrow lugar onde a emoção estava. [p. 105]

A primeira citação confirma minha sugestão anterior de que a função mais importante da Coluna 2 na Grade é a *negação* – decidir o que é e o que não é um elemento ou pensamento psicanalítico. Escolhi desviar dos aspectos mais recônditos da preocupação de Bion com geometria e suas correlações com a vida emocional. É suficiente dizer que o ponto, a linha, o círculo e as setas são seu ensaio em uma “notação” de estados emocionais e sua correspondência à presença e/ou à ausência do objeto e de um espaço mental que contenha o objeto, bem como a direção, no tempo e no espaço, das relações. Assim como significadores verbais (palavras) são a base para representações de nosso mundo objetal (cultura), pontos, linhas e círculos são a base para nossa concepção de espaço – tanto psíquico como externo. Portanto, esses significadores geométricos constituem a formatação para a construção do espaço-continente, assim como palavras constituem a formatação do conteúdo.

Bion diz que o domínio do pensamento pode ser concebido como um espaço ocupado por não-coisas e que os objetos com os quais a psicanálise lida incluem uma relação da não-coisa com a coisa. Além disso,

A personalidade que é capaz de tolerar uma não-coisa pode fazer uso da não-coisa e, portanto, é capaz de fazer uso do que podemos agora chamar de pensamentos. Uma vez que ela pode fazer isso, pode buscar preencher o “espaço” ocupado pelo pensamento; isto possibilita que o “pensamento” de espaço, linha, ponto seja combinado com uma realização que parece avizinhar-se. [1965, p. 106]

UM ASPECTO CURIOSO DA ESTRUTURA DA GRADE

Após examinar cuidadosamente a estrutura da Grade, em particular seu eixo genético (vertical), o coordenado adequado para a evolução dos pensamentos, deparei-me com uma aparente descontinuidade.⁵ A ordem descendente das categorias de pensamento é a seguinte: elementos- β \rightarrow elementos- α \rightarrow Pensamentos Oníricos, Sonhos, Mitos \rightarrow Preconcepção \rightarrow Concepção, e assim por diante. Gostaria de chamar atenção para a conexão entre “Pensamentos Oníricos, Sonhos, Mitos” e então “Preconcepção”. Todas as categorias de pensamento antecedentes a “Preconcepção” podem ser entendidas como o processamento de “estímulos sensoriais da experiência emocional” – ou seja, estímulos externos, elementos- β , e a progressão destes para um elemento- α e então para um elemento usado no sonhar. Como explicamos o salto seguinte para a categoria Preconcepção, entretanto? Dr. Lee Rather e eu acreditamos que *esta descontinuidade designa a natureza dupla de O*. Os “estímulos sensoriais da experiência emocional”, ou seja, estímulos externos, incluem uma ramificação de O. Tão logo os estímulos externos vêm a ser registrados como a interseção de “O em evolução” com a fronteira emocional do indivíduo, o outro braço de O ativa o surgimento da preconcepção inerente (ou adquirida) – ou seja, as Formas Ideais, as coisas-em-si (“memórias do futuro”) de dentro do inconsciente não reprimido. Em outras palavras, *O emerge de uma forma que dá uma razão para acreditar que ele é um gêmeo siamês e o sujeito humano é apanhado entre eles!*

OUTROS ASPECTOS DA GRADE

Apesar de suas frequentes referências à Grade, Bion parece tê-la rejeitado em público. Seus seguidores, por outro lado, pareciam tê-la levado muito a sério como um auxílio valioso para sua teorização e para o entendimento clínico de seus pacientes. Rose Vasta (1993) e Arnaldo Chuster (Chuster e Conte, 2003; Chuster e Frankiel, 2003) construíram ambos, independentemente, uma *Grade negativa*, que parece ser uma elaboração da Coluna 2, que trata da evolução de mentiras e falsidades. Paulo Sandler (2005), por outro lado, criou uma Grade tridimensional, cujo terceiro eixo reflete a *intensidade emocional associada com qualquer categoria em particular*.

Meltzer (2000) modificou a Grade de Bion construindo duas Grades: uma para L, H e K e outra para -L, -H, e +K, respectivamente, a última representando uma extensão da Coluna 2 (a coluna da mentira) de Bion. Na grade LHK, ele substituiu o “Sistema Dedutivo Científico” e o “Cálculo Algébrico” de Bion por G “Estético” e H “Espiritual”. A Coluna 2 ele altera para designar “Transformações.” Na grade -LHK, que é em si uma extensão da Coluna 2 de Bion, ele lista: H “Espiritual”; G “Estético”; F “Conceito”; E “Concepção”; D “Preconcepção”; C “Pensamentos Oníricos”; B “Elementos- α ”, “Mitos”; A “Elementos- β ”. Na grade -LHK, Meltzer lista: -1 “Negação da Realidade Interna”; -2 “Onisciência”; -3 “Mentiras” e “Delírios”; -4 “Abusos da Linguagem”; -5 “Alucinações”. Torna-se claro, à medida que se examina as modificações de Meltzer da Grade de Bion, que ele (Meltzer) está instilando sua concepção de *beleza e estética*, e sua negativa com relação à Coluna 2 parece representar sua concepção da “*reversão da função α* ” de Bion (1962b) (p. 25).

NOTAS

1. Na análise, a Coluna 2 geralmente representa a resistência do analisando – e/ou mesmo do analista – à análise, por um lado, e negação – ou seja, a obtenção do pensamento Aristotélico lógico, por outro.
2. A alusão de Bion à Grade como um gradeamento prefigura de modo não intencional minha concepção de que a função α (como o modelo) e o sonhar (como o processo da vida real) incluem uma função de gradeamento quando classificam os elementos- β antes da alfa-beta(a)-ização.
3. É minha conjectura que esta declaração evasiva pode referir-se ao reconhecimento de Bion de que, quando um indivíduo rejeita o princípio da realidade e apenas abraça o princípio do prazer, ele torna-se psicótico ou um mentiroso, e desenvolve um mundo complexo de falsidade. Isto me lembra o conceito de Bion (1962b) de “reversão da função α ” (p. 25).
4. “ $\leftarrow \ddagger$ indica que o objeto não é estático...” “e representa uma força que continua após o \bullet ter sido aniquilado, e isto destrói a existência, o tempo e o espaço” (Bion, 1965, p. 101).
5. O Dr. Lee Rather ajudou-me a descobrir esta descontinuidade.